

# ESTADO PRESENTE: REFLEXÕES ACERCA DA ARTE COMO EXPERIÊNCIA DE JONH DEWEY

*Data de aceite: 02/06/2023*

**Vanessa De Oliveira Silva**  
Instituto de Artes Unesp

aprendizagem, artista-educadora.

### ESTADO ACTUAL: REFLEXIONES SOBRE EL ARTE COMO EXPERIENCIA DE JOHN DEWEY

**RESUMO:** Uma narrativa sobre o início da vida acadêmica de uma professora artista e suas indecisões, sonhos e angústias. A partir da leitura de Dewey é possível notar que em muitas coisas existe um dualismo: na filosofia, na arte, na cultura. Existe uma oposição entre trabalho e lazer, entre intelecto e prática e isso traz a compreensão de que quando se entende uma experiência por completo, o dualismo coexiste, sem que precise abandonar completamente uma coisa em detrimento de outra. Os questionamentos nos colocam no exercício de pensar constantemente quem dentro da pessoa se expressa: a professora ou a artista. Traz a compreensão de que para ensinar arte é preciso vivência, encontro, e saber comunicar. Esse constante exercício traz abertura, curiosidade e coragem para falar de origens, pensamentos, sobre a prática de ensino, aprendizagem e inventividade, lugar de fala. Da incerteza de qual direção seguir surgem caminhos, costuras, pontos e presença.

**PALAVRAS-CHAVE:** experiência, estar,

**RESUMEN:** Una narración sobre el inicio de la vida académica de una maestra artista y sus indecisiones, sueños y angustias. De la lectura de Dewey, es posible notar que en muchas cosas hay un dualismo: en la filosofía, en el arte, en la cultura. Hay una oposición entre el trabajo y el ocio, entre el intelecto y la práctica, y esto lleva a comprender que cuando una experiencia se comprende plenamente, coexiste el dualismo, sin tener que abandonar por completo una cosa en detrimento de otra. Las preguntas nos ponen en el ejercicio de pensar constantemente quién se expresa dentro de la persona: el maestro o el artista. Trae la comprensión de que para enseñar arte es necesario experimentar, conocer y saber comunicarse. Este ejercicio constante trae apertura, curiosidad y coraje para hablar de los orígenes, del pensamiento, de la práctica de la enseñanza, del aprendizaje y de la inventiva, lugar de la palabra. De la incertidumbre de qué dirección seguir, surgen caminos, costuras, puntos y

presencia.

**PALABRAS-CLAVE:** experiencia, ser, aprendizaje, artista-educador.

## INTRODUÇÃO

Dois caminhos. Desde o início da minha vida acadêmica me vi dividida em duas direções. Música ou Artes plásticas. Divino ou profano. Erudito ou popular. Claro ou escuro. Colorido ou preto e branco. Para entrar no mestrado não foi diferente, tinha que escolher entre música ou artes visuais, e me vi na escuridão da noite, com o coração perturbado ouvindo repetidas vezes a música “Um dia útil”, do Maurício Pereira: “Eu sonho sozinho, com meu coração pequenininho, minha compreensão também pequenininha do conjunto das coisas todas...” Será que fiz a escolha certa? Depois de optar por Artes Visuais, fiquei olhando as luzes da rua refletirem no teto e achando que devia ter sido música.

Mas descobri, ao ler Dewey (2010), que em muitas coisas existe um dualismo: na filosofia, na arte, na cultura. Existe uma oposição entre trabalho e lazer, entre intelecto e prática... e assim por diante. E a partir daí pude ver que quando se entende uma experiência por completo, o dualismo coexiste, sem que eu precise trocar completamente uma coisa por outra.

## DISCUSSÃO

A dúvida ainda persiste durante a pesquisa. Incerteza e insegurança. Porém essas aulas me colocaram no exercício de pensar constantemente quem dentro de mim se expressa: a professora, a artista, a sonhadora, a criança. Me faz compreender que para ensinar arte é preciso vivência e encontro, e é preciso saber comunicar, transmitir, transbordar. E de fato no primeiro exercício prático desta aula eu fiz um autorretrato com uma árvore saindo da minha cabeça e sendo regada. Os objetos que aparecem no retrato fazem parte do meu cotidiano: um vaso em forma de figura humana, a muda da árvore que meu pai me deu e o regador. Como se eu fosse feita dos símbolos que me cercam no presente, das coisas que eu coloco um valor afetivo. Como afirma Barros (2008) “A importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós” (BARROS, 2008, p. 95). A segunda parte do exercício me surpreendeu: rasgar o papel em quatro partes, ou seja, rasgar o símbolo dessas afinidades. E depois, a terceira parte, compor com os pedaços de outras pessoas, me fez compreender que não sou feita apenas das coisas que escolho dar valor, mas também das que passam por mim, me atravessam e me convidam a descobrir um novo olhar.

Com o tempo, deixei de visitar exposições, não sei bem o porquê, preferindo o cinema, apresentações musicais ou teatrais, feiras de artesanatos, livrarias, ruas, praças... Uma coisa me irritava em exposições feitas em galerias e museus, um tipo de soberba, como se o que estivesse exposto nesses lugares fosse algo superior, destinado a um público que

se acha melhor que os outros, como se eu não tivesse o direito de frequentar aquele lugar, como se precisasse sempre estar pedindo desculpa por ser da periferia da Grande São Paulo, por não ter um sobrenome importante na sociedade, por não ter crescido no meio artístico; mas me despi desse preconceito, pois sei que não posso generalizar dessa forma, apesar de saber que a arte foi por muito tempo reservada à elite. Ter essa consciência também me faz ver que precisamos colocar diante de nossos alunos essa questão, que devemos oferecer esse acesso, para que a história mude, para que todas as camadas sociais possam desenvolver um olhar sensível e crítico em relação às imagens que nos cercam.

[...] ensinar não se esgota no “tratamento” do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (FREIRE, 1996, p. 26)

Pois bem, fomos a exposição “Amazônia”, de Sebastião Salgado, no Sesc Pompéia e de fato eu gostei muito. O que mais me chamou a atenção foi ver que o fotógrafo colocava o nome, a etnia, a função que cada um desempenhava em sua comunidade, mostrando que são pessoas de verdade, não são curiosidades, seres exóticos, como foram retratados muitas vezes ao longo da história. Além de montar um estúdio no meio da mata e ficar à disposição para que as pessoas escolhessem o momento e como gostariam de ser fotografadas. Das inúmeras imagens impactantes que vi, escolhi uma de uma jovem indígena segurando um vaso, uma imagem simples, que me fez imaginar porque ela escolheu um vaso, quem era aquela menina e em que devaneio estava mergulhada.

Mal sabia, que o hábito de contar minhas experiências estéticas estava só começando. Quando vi as fotografias escolhidas pelas outras pessoas da turma pude ver que por mais que cada um tenha seu ponto de vista, encontramos afinidades eletivas nas composições das fotografias e no tema, trazendo a compreensão da experiência em pares relatada no artigo de Martins, Americano e Ramires (2021). Para os autores essa experiência dos pares fotográficos, possibilita a reflexão de como as pessoas registram imagens do mundo e de si mesmo, criando narrativas visuais. Produzimos daí uma terceira imagem a partir da escolha de um dos pares. Eu pensava, na minha ingenuidade, que essas aulas seriam mais dialogadas e teóricas, mas todas as aulas contavam com uma parte teórica, uma prática e uma discussão, não necessariamente nessa ordem. Me vi no desafio de compor uma imagem em pouco tempo, pois eu estava no ônibus, a caminho de casa quando a proposta foi feita. Desci no centro da cidade, fui para o café Severina, um lugar acolhedor de uma amiga minha, enquanto fazia meu desenho, ela me fazia um café. Parece uma coisa à toa, mas esses detalhes fizeram com que a experiência perdurasse em minha memória e tornasse a lembrança dessas aulas mais agradável. Penso que isso faz muita diferença no ensino de qualquer coisa, o elo afetivo que estabelecemos. Será que

eu como professora, ofereço momentos para que os alunos se conectem de forma afetiva às aulas?

Daí em diante comecei a entender que teoria e prática, pensamento e diálogo, acaso e planejamento sempre iriam se fundir. Dessa vez no início da aula, deveríamos separar um limão e material para pintar. Com tudo pronto, um limão cravo, colhido no quintal e lápis de cor, eu aguardava ansiosa a experiência. Devíamos espremer o suco do limão e saboreá-lo de olhos fechados. Em minha imaginação, aconteceria de vir a deliciosa memória da infância com cheiro e o sabor azedo, porém adocicado do limão cravo, porém na realidade, senti uma explosão de amargor e acidez, apesar de um perfume doce e marcante. E ali registrei num desenho abstrato essa sensação borbulhante. Depois de um tempo, percebi o motivo da surpresa explosiva de sabores: eu havia colhido uma laranja de fazer, doce, ou como alguns chamam, laranja cravo. Uma laranja muito amarga, que não serve para chupar, nem para fazer suco, mas para fazer o tradicional doce de laranja.

Cada aula acabei fazendo em um lugar diferente, o que acabou dialogando com o tema da minha pesquisa de trabalhar com o ateliê em diferentes lugares. Algumas foram no meu ateliê em casa, outras na escola, sala dos professores, pátio, sala de leitura, sala de informática; outras foram no ônibus, na rua, caminhando, parando num café, ou numa praça... Acho que isso potencializou as possibilidades de criação, pois eu precisava solucionar de diferentes formas cada proposta e lidar com o que tinha ao meu redor. Potencializou também porque os espaços em que me instalava para realizar a aula me alimentava com imagens, sons, aromas, e se não tivessem sido dessa maneira, provavelmente resultariam em expressões diferentes. Pois como afirma Dewey (2010), o ato expressivo não vem só de dentro, ele vem das influências externas também, e dos veículos que utilizamos para nos expressar. Nesta aula, a partir das provocações e reflexões estéticas de Marta Facco (2018) sobre o objeto epistêmico, a proposta criativa foi com uma colher. Como eu estava na escola, precisei pedir uma colher emprestada para a merendeira. Ela me emprestou uma colher de alumínio. Se eu estivesse em casa, teria escolhido uma colher de pau, pois gosto da madeira, da cor, da textura, da sonoridade. Mas acabei aproveitando a qualidade do brilho e do reflexo que produz a colher de alumínio, a brincadeira entre côncavo e convexo, e fiz um desenho da colher, em que dentro há uma simulação do meu rosto de cabeça para baixo com um cachecol vermelho. Curiosamente, ao ver os trabalhos dos outros colegas, todos continham vermelho.

O vermelho retornou na aula seguinte num outro cachecol, quando discutíamos sobre o processo criativo a partir do conceito abordado por Fayga Ostrower (2007). Nos processos de conscientização do indivíduo, a cultura influencia a visão de vida, orientando seus interesses, suas necessidades de afirmação, propondo formas de participação social. A cultura orienta o ser sensível e o ser consciente ao mesmo tempo. Sobre o processo criativo, a autora nos leva a compreender que a finalidade do nosso fazer é poder ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não é apenas um relaxamento ou esvaziamento,

uma forma de imaginar ou substituir a realidade. Criar é a própria realidade. Criar representa viver de maneira mais intensa e presente. E, além disso, nos permite criar uma realidade, transpondo o que somos para níveis de consciência mais complexos e elevados. E o vermelho veio à tona quando uma das colegas resgatou um cachecol feito por sua avó, como isso as aproximou, pela tradição passada do tricô, o objeto que tem a intenção de aquecer, e ser um presente da avó. Foi aí que me lembrei do cachecol que uma aluna me deu há alguns anos de presente. Em uma das aulas ela me perguntou qual era minha cor preferida, eu respondi: vermelho. Dias depois ela apareceu com o cachecol feito por ela mesma, na minha cor preferida, como gesto de agradecimento pelas aulas daquele ano. “As culturas não são herdadas, são antes transmitidas.” (OSTROWER, 2007, P. 11)

Por trás do cachecol ganhado de presente, acredito que a motivação do gesto foi o que Dewey chama de experiência singular:

A experiência singular tem uma unidade que lhe confere seu nome – aquela refeição, aquela tempestade, aquele rompimento de amizade. A existência dessa unidade é constituída por uma qualidade ímpar que perpassa a experiência inteira, a despeito da variação das partes que a compõem. (DEWEY, 2010, p. 112)

As aulas que foram vivenciadas de forma única por essa menina, resultaram na vontade de criar algo para presentear o outro. Da mesma forma, a vontade que tenho em participar das aulas de poéticas e processos de criação, independe do lugar que eu esteja, o material utilizado ou o tema abordado. Eu me disponho a experienciar o momento, vivê-lo sem pressa e com intensidade, porque o retorno disso é uma lembrança marcante, é a sensação de estar presente, de estar presente com os outros.

E o que acaba sendo marcante e importante no meu aprendizado eu tenho uma vontade enorme de transmitir a outras pessoas. Durante a leitura do capítulo que trata o ato expressivo, de Dewey, lembrei da música papel sulfite, do Jonathan Silva “...Não sei que bicho isso vai dar, mas peço, vamos lá meu bem, experimente!” e pensei nas possibilidades criativas a partir de um papel, e depois a partir do papel alumínio, que possui outras qualidades, como brilho, som, maleabilidade, memória de coisas do cotidiano. Simultaneamente enquanto elaborava formas de fazer esculturas nas diversas linguagens com a turma da pós, também pensava em fazer esculturas com meus alunos, que ao final acabamos por chamar de “alumanos”, uma referência ao papel alumínio e ao ser humano. Esse dia cheguei em casa febril, de tantas ideias e reverberações que pipocavam em minha cabeça.

[...] Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 1996, p. 44)

Uma ideia lançada na aula, rebatia em vários cantos e se conectava a outras ideias, como uma grande teia, ou um rizoma e das esculturas de alumínio, vieram em seguida criaturas vivas, a partir da proposta de criação com galhos. Tirar os galhos de seu contexto e inseri-los em outro lugar, pensar nas relações de equilíbrio e desequilíbrio ao construir com eles um móbile e colocá-los em movimento, vivos.

Tirar coisas de seu contexto e transformá-los, me faz pensar em como damos diferentes significados aos objetos quando somos crianças e em como o artista também faz isso, tirando o mundo da automaticidade e fazendo com que as pessoas vislumbrem perspectivas diferentes. Parece muito simples, quando somos crianças, mas quando fomos provocados a escolher um objeto e tirá-lo do seu uso comum, vi que eu não estava com um espírito tão inventivo assim. Me lembrei então da poesia de Manoel de Barros (2008) e achei que eu precisava de um pouco mais de humor para ver o objeto com outro significado e poder transformá-lo em “desobjeto”, então uma tesoura, que servia para cortar, tendo uma letra trocada e um chapéu, poderia se transformar numa “vêsoura”, ou seja uma lente diferente para olhar o mundo.

## CONSIDERAÇÕES

Chegamos às aulas finais. Percebo que cheguei mais aberta, mais curiosa e com mais coragem. Coragem para falar de minhas origens, de onde vim, o que penso, como ensino, como aprendo e como invento. Durante a aula falamos sobre lugar de fala, professor artista, e a Patricia nos presenteou com um retrato impresso em preto e branco. Um autorretrato, para bordar, costurar, traçar linhas, pontos, caminhos. Escrevi, bordei, em linha vermelha: “Aqui estou”. A expressão maior do que vivi até o momento era isso, estar. E depois fomos a exposição de Arthur Bispo do Rosário, no Itaú Cultural, uma exposição cheia de enlaces, linhas, bordados, e um casaco bordado pelo artista escrito “Eu vim”, senti que se conectava com o que eu havia feito e validava o que acredito. Me dou ao prazer e a coragem de acreditar no sonho, acreditar que somos importantes, independente do nosso tamanho. Com passos curtos, lentos, mas persistentes, caminhamos descalços em um mundo muito duro, mas deixamos nossa marca, nossos pontos, a linha da nossa história, uma história por muito tempo silenciada, mas cada vez mais cantante, mais bordada e riscada. A história dos esfarrapados, como diria Paulo Freire (2021), descobrindo-se, e nos dando conta da nossa luta e de nossa vontade de sonhar, nosso direito de sonhar. Achei tão bonito, sensível e gratificante a Patricia escolher uma prática com linhas para fazer antes daquela exposição, que senti meu coração costurado a muitas histórias e pessoas.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros/ Iluminuras de Martha Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FACCO, Marta Lucia Cargnin. **Objeto epistêmico em travessia**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 80ª edição, 2021.

MARTINS, Mirian Celeste, AMERICANO, Renata Queiroz de Moraes e RAMIRES, Mario Fernandes. **John Dewey: Lugares e experiências em pares**. In: Revista Apotheke, v. 7 | n. 2 p. 373-374 | outubro 2021

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.